

ADOLESCÊNCIA EM QUESTÃO

*Maicon Pereira da Cunha
Joel Birman*

Introdução

A adolescência é uma construção eminentemente moderna, marcada por uma preocupação com a biopolítica, enquanto problemática da governabilidade (FOUCAULT, 2008). Ela nasce organizada dentro de um padrão em que eram muito bem delimitadas as denominadas “idades da vida”, tais como a infância, a adolescência, a fase adulta, a velhice. (ARIÈS, 1981). Este paradigma das idades da vida foi calcado na biologia. Além disso, foi na modernidade que surgiu a sociedade disciplinar, com um intenso rigor sobre a formação dos corpos. (FOUCAULT, 2009). Aliado a isso, os discursos da medicina científica e da psicologia forjaram um quadro que delimitou a ação humana dentro de certos padrões, legitimando o estabelecimento de limites entre as ditas idades da vida.

A hipótese aqui levantada é a de que não se pode reduzir aquilo que se construiu como idades da vida aos registros médico, biológico e psicológico, mas que se impõe a necessidade de tomar como ponto de vista privilegiado a questão da construção sócio-histórica. Para sustentar este ponto de vista trabalharemos, através de determinados recortes, a constituição subjetiva na modernidade e na pós-modernidade, analisando as devidas distinções que estão aí inerentes.

Na atualidade o que se percebe é que a adolescência se altera na sua conformação, ampliando o que chamaremos de *período de experimentação*. Neste sentido, é o próprio conceito de adolescência que se vê questionado na sua origem. Ser adolescente atualmente é muito mais do que apenas estar passando por uma fase de descobertas, confusões

identitárias ou de questionamentos da ordem social vigente. Para entender melhor quem é o adolescente de hoje é preciso investigar que mudanças sociais e histórias estão na base da construção de um outro modo de ser, e que conseqüências são possíveis de serem extraídas a partir desses imbróglis.

Narcisismo na pós-modernidade

Mais do que nunca se fala nos quadros ditos fronteirços, isto é, os borderlines. A psicopatologia da pós-modernidade se funda sob os quadros das depressões, toxicomanias e a síndrome do pânico (BIRMAN, 2007). O paciente da atualidade não chega mais com uma queixa tipicamente histérica ou de neurose obsessiva. A repressão de outrora, que facilmente sugeria a histeria de conversão, cede espaço a uma queixa reveladora da ordem da sua própria existência; ele não sabe quem ele é. As queixas são vagas. No lugar de um quadro fóbico, geralmente o paciente relata a sua dor de existir: “Ele descreve ‘sentimentos de vazio sutilmente experimentados, embora penetrantes, e de depressão’, ‘oscilações violentas de auto-estima’ e ‘uma incapacidade geral de progredir’”. (LASCH, 1983, p.62)

As formas de sofrimento contemporâneo se identificam como perturbações da ordem do narcisismo. Sejam nos quadros de depressão, toxicomania, pânico, anorexia, doenças psicossomáticas, a questão nevrálgica se fundamenta em um outro modo de relação com o narcisismo. Há um processo de desnarcização dos sujeitos, na medida em que se alteram as configurações da ordem familiar e social.

Dentro da perspectiva da identificação das novas formas de sofrimento psíquico atrelado às perturbações narcísicas, o ponto de vista sustentado por Lasch (1983) é de que há uma ampliação do conceito do narcisismo da clínica para o social. Neste sentido, não

apenas falamos do paciente fronteiro, mas falamos do próprio sujeito contemporâneo. Este sujeito é marcado por um autocentramento no eu, mas de forma superficial. O envolvimento relacionado às experiências de afetividade se sustenta sob o registro da efemeridade.

Economia, violência e juventude

Nos meandros da caracterização da vida contemporânea, a nova ordem social regida pelo neoliberalismo traz, como forma de sistematização dos modos de produção, elementos que podemos apontar como sendo correlatos das novas formas de violência urbana. A articulação entre a atual fase do capitalismo e a ordem social tem como resultado novas formas de subjetivação, que um autor como Sennet (1999) denomina de “corrosão do caráter”. Segundo o autor, o próprio senso de caráter pessoal é modificado de acordo com o novo capitalismo, na medida em que novos sentidos e significados são atribuídos ao trabalho.

No que concerne à nova cartografia do mercado de trabalho, as alterações sociais decorrentes das mudanças no modo de organização econômica são extremamente importantes de serem apontadas. Destacamos aqui um aspecto interessante nesta problemática, no que diz respeito à construção da juventude.

Um mapeamento da juventude atual é feito por Birman (2008), em um trabalho que se pauta na perspectiva da enunciação de uma relação entre as novas condições econômicas, novas formas de viver e de construir uma subjetivação. O autor sustenta uma caracterização baseada numa narrativa que abrange a totalidade dos aspectos relativos à juventude na sua forma de entrelaçamento com a criminalidade e a violência, que não se isolam na periferia das grandes cidades, mas que estão instauradas na classe média. A

juventude atual se caracteriza por uma radical diferença quanto aos padrões antigos de ser adolescente. O que nos interessa aqui é uma nuance no que diz respeito à juventude como um processo de construção e não como um dado estático, fundamentada somente sob um ponto de vista de uma evolução biológica.

A adolescência em questão

Pensar a juventude como uma construção sócio-histórica permite avançar na discussão de uma conjuntura que precisa ser contextualizada. O que percebemos na atualidade é um fenômeno que se intensifica e se torna cada vez mais comum, que é a continuação da vida na casa dos pais mesmo depois dos 30 anos de idade. Há algum tempo atrás, o fato de que alguém passasse um pouco dos 20 anos para se casar, rapidamente seria identificado como um grande problema. Esse era o molde de uma organização que se consolidou no século XIX, da família nuclear burguesa, onde o papel da mulher era a de ser mãe e de educar os filhos.

Com mudanças radicais ocorridas na metade do século XX, tais como o advento das tecnologias anticoncepcionais e as revoluções feministas, a família nuclear é desmantelada. O papel da mulher como gestora apenas do espaço doméstico ruiu. Desta forma, a rígida organização familiar se encontra desestruturada, alterando as conformações pré-estabelecidas do que era entendido como devendo ser uma família. Se antes, portanto, a adolescência era entendida como um período de experimentação, uma espécie de advento para a vida adulta, o que depreendemos é que este período aumentou bastante na atualidade. Arelado ao modo de organização econômica neoliberal, os “trintões” ou até mesmo os “quarentões” não vêem necessidade de sair da casa dos pais, para construir a sua própria família.

Birman (2008) argumenta que “a infância se estreita atualmente em decorrência dos imperativos de performance impostos às crianças desde muito cedo, diminuindo bastante o espaço e o tempo dos jogos e brincadeiras infantis.” (p. 94). E continua sustentando a tese de que, em contrapartida, “a adolescência se prolonga excessivamente, como consequência da impossibilidade de inserção social dos jovens no mundo do trabalho e nos impasses para a constituição de um novo núcleo familiar”. (BIRMAN, 2008, p. 94).

Conclusão

Após termos feito um mapeamento sobre os novos quadros da adolescência expostos na contemporaneidade, colocamos, então, em questão a legitimidade dos critérios pautados no discurso biológico e psicológico para identificar hermeticamente uma “idade da vida”, pois verificamos que a adolescência se estende na sua duração na atualidade.

A adolescência se situa como forjada por uma complexa e múltipla rede de fatores determinantes, que não se esgotam no enquadramento etário tradicional. Num artigo intitulado “Adolescência Prolongada”, Cintra (2006) discute o caso de uma paciente “cuja adolescência se prolongava interminavelmente, minando a sua esperança de algum dia crescer e emancipar-se.” (p.45). Cintra situa a problemática na fragmentação do superego arcaico, que seria a causa de sua desestruturação psíquica. Este exemplo de leitura psicanalítica sugere uma assertiva ontogenética para a questão em debate, que criticamos neste artigo. O que tentamos chamar atenção neste estudo é que para entender a adolescência é preciso ampliar o foco, desconstruir a idéia de que a adolescência é um período formal, bem circunscrito biológica e psicologicamente entre a infância e a vida adulta. A adolescência atual se prolonga não porque o adulto vive uma etapa “errada” da

vida, mas porque justamente ela não se encaixa neste quadro estereotipado como se costuma entender o adolescente.

BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BIRMAN, J. **Mal-estar na Atualidade: a Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 2007.

BIRMAN, J. Adolescência Sem Fim? Peripécias do Sujeito Num Mundo Pós-Edipiano In: CARDOSO, M. R.; MARTY, F. (org.). **Destinos da Adolescência**. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.

CINTRA, E. Adolescência Prolongada In: CARDOSO, M. R.; AGUIAR, H. et al (org.). **Adolescentes**. São Paulo: Editora Escuta, 2006.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1983.

SENNETT, R. **A Corrosão do Caráter**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SOBRE OS AUTORES

Maicon Pereira da Cunha. Bolsista de Mestrado do CNPq. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGTP-UFRJ)..

Joel Birman. Professor Titular / pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador no programa de mestrado e doutorado em Teoria Psicanalítica. Professor adjunto do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS-UERJ). Pesquisador associado do Laboratório Psicanálise e Medicina, da Universidade Paris VI, Pesquisador NÍVEL 1-A do CNPq.